

ANÁLISE TEXTUAL DA PRIMEIRA ORAÇÃO DE JESUS NA CRUZ.

Textual Analysis of the First Prayer Of Jesus on the Cross.

*Anderson Weige Dias¹
Gelci André Colli²*

RESUMO

O assunto que fundamenta este trabalho está relacionado com a oração de Jesus Cristo registrada em Lucas 23:34. E, através da crítica textual, tem como finalidade verificar a autoria e veracidade desta oração de Cristo. Para tanto, partiu-se da seguinte questão: Em vista do contexto em que está inserida as palavras de Cristo registradas em Lucas 23:34. De que maneira fazer a correta análise textual da primeira oração de Jesus na cruz? Buscou-se dialogar com Adriano da Silva Carvalho (2017); David Dean Mimier King (2013); Joseph A. Fitzmyer (2005); Ryan Weber (2012);. Autores que tratam do assunto e contribuem para a reflexão desta investigação. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica. Como resultado destaca-se: que não há um consenso na crítica textual a respeito da autoria do evangelista Lucas sobre a oração de Jesus registrada no que é conhecido hoje como o Evangelho de Lucas. Entretanto, desde os primeiros séculos os cristãos já consideravam esta oração como palavras verdadeiras de Jesus Cristo, assim como, esta oração já possuía o mesmo peso de Palavra de Deus que outras passagens bíblicas possuíam.

Palavras Chave: Análise Textual; Jesus Cristo; Oração; Cruz.

ABSTRACT

The subject matter that grounds this article is related to the prayer of Jesus Christ recorded in Luke 23:34. And, through textual criticism, its purpose is to verify the authorship and veracity of this prayer of Christ. Therefore, the following question was asked: Given the context in which the words of Christ

¹ Especialista em Teologia do Novo Testamento Aplicada pela FABAPAR. Bacharel em Teologia pela FABAPAR.

² Doutor em Teologia pelo PPG das Faculdades EST de São Leopoldo/RS. Mestre em Ciências da Religião pela UMESP de São Bernardo do Campo/SP. Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Professor e Coordenador Bacharel EaD na Faculdade Cristã de Curitiba/PR. Professor na FABAPAR.



recorded in Luke 23:34 are inserted. How can we make the correct textual analysis of Jesus first prayer on the cross? We sought to dialogue with Adriano da Silva Carvalho (2017); David Dean Mimier King (2013); Joseph A. Fitzmyer (2005); Ryan Weber (2012); Authors that deal with the subject and contribute to the reflection of this research. The methodology used was bibliographic research. As a result it stands out: that there is no consensus in textual criticism concerning the evangelist Luke's authorship of the prayer of Jesus recorded in what is known today as the Gospel of Luke. However, from the earliest centuries Christians had regarded this prayer as the true words of Jesus Christ, just as this prayer had the same weight as God's Word that other biblical passages had.

Keywords: Textual Analysis; Jesus Christ; Pray; Cross.

INTRODUÇÃO

Neste estudo será feito uma análise crítica textual da primeira oração de Jesus na cruz, registrada em Lucas 23:34. De forma significativa, os manuscritos de Lucas 23:34 possuem uma variação textual, que é a presença ou omissão da oração de Jesus Cristo. E através da análise dos manuscritos já descobertos desta passagem bíblica, é possível chegar a evidências que apontam para o que o autor original do texto escreveu.

Para realizar a crítica textual da primeira oração de Jesus na cruz, será abordado o método eclético. Ele consiste numa abordagem na qual se avalia separadamente as variantes textuais dos manuscritos disponíveis, e através das evidências externas e internas ao texto, todas as leituras variantes são niveladas e candidatas a conterem o texto original, independente da data, origem, contexto cultura, ou outros fatores (CARVALHO, 2017).

A seguir serão analisadas as evidências externas e internas em relação aos manuscritos de Lucas 23:34a, assim como, as possíveis razões para omissão ou inserção deliberada desta passagem por copistas.

1 EVIDÊNCIAS EXTERNAS



A análise das evidências externas, também chamada de crítica externa, consiste em comparar a qualidade dos diferentes manuscritos. Essa comparação é efetuada através de critérios que envolvem a antiguidade e a origem do texto, por exemplo. Este tipo de crítica é fundamental para verificar a veracidade de determinada passagem bíblica (CARVALHO, 2017).

Os estudiosos que argumentam contra a autenticidade da oração de Jesus nos manuscritos de Lucas apoiam-se fortemente nas evidências externas. Especialmente, a concordância de P 75 e B é tipicamente suficiente para convencê-los. Os críticos textuais Jason Whitlark e Mikeal Parsons caracterizam todas as leituras que incluem a oração de Jesus em Lucas 23:34 como ocidental ou tardia, e, conseqüentemente, afirmam que devem ser desconsideradas. Embora, eles não sejam muito claros em como caracterizam todos os manuscritos como ocidentais. (KING, 2013)

Os estudiosos que argumentam pela veracidade da oração de Jesus em Lucas 23:34 não sugerem que a evidência externa claramente apoia-os, mas eles insistem que a evidência externa não pode, em última análise, excluir a inclusão. Em geral, eles sugerem que as evidências patrísticas são muito precoces e particularmente o conjunto dos evangelhos Diatessaron e o códice Sinaiticus servem como contrapesos à evidência inicial de P 75 (KING, 2013).

No estudo das evidências externas, são verificados alguns fatores para se atestar qual a leitura mais próxima do original, dentre estes fatores pode-se destacar:

- 1 Antiguidade: quanto mais antiga for a fonte da leitura, mais provável ela é.
- 2 Quantidade: quanto mais frequente for a leitura, isto é, quanto maior o número de manuscritos antigos que contém tal leitura, mais provável ela é.
- 3 Distribuição geográfica: quanto mais distribuída for a leitura, mais provável ela é. Por exemplo, uma leitura atestada em



manuscritos de várias regiões distantes é mais provável que uma encontrada em manuscrito de apenas um lugar.

No que tange ao estudo da antiguidade dos manuscritos de Lucas 23:34, é importante destacar 4 deles, o P75, B, Codex Sinaiticus (Ⲛ) e o Codex Bezae Cantabrigiensis (D).

O manuscrito P75 (III século) é o mais antigo já encontrado com o versículo de Lucas 23:34, conseqüentemente, a exclusão da oração de Jesus nele é significativa e não pode ser ignorada. No entanto, mesmo os manuscritos mais antigos, como P75 e B, são suscetíveis aos escribas ajustarem-nos em nome da ortodoxia³ (KING, 2013).

O Codex Sinaiticus (Ⲛ), é um códice da metade do século IV da Septuaginta e Novo Testamento. Este códice é extremamente importante na crítica textual, porque apesar de suas extensas correções, é a mais antiga Bíblia completa que sobreviveu. Neste códice, a passagem *ὁ δὲ ... ποιῶσιν* é incluída pelo copista primário, mas extirpada por um editor do quinto século por meio de um arco semicircular na margem denotando exclusão (WEBER, 2012).

Essa marca é pouco visível agora, porque outro editor do quinto ou sexto século a removeu, reafirmando a originalidade da passagem. Assim Ⲛ exibe um padrão de inclusão, excisão e reinclusão da oração “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que eles fazem”, um processo que foi efetuado ao longo de dois ou três séculos (WEBER, 2012).

O Codex Bezae Cantabrigiensis (D), é um manuscrito grego do século V ou VI Latin diglot (significa que quando o Codex é aberto, a página da esquerda contém texto grego, e a página da direita contém o mesmo material em latim) dos Evangelhos e Atos. O escriba original deste códice omitiu a oração de perdão de Jesus, e um corretor posterior inseriu. Este é o

³ Os escribas antigos defendiam uma teologia antijudaica. O que favorece a ideia deles retirarem a oração de Cristo (pedindo que Deus perdoe os judeus) para defenderem a ortodoxia de suas teologias (KING, 2013).



inverso do processo que vemos no Codex Sinaiticus (WEBER, 2012).

Esses dois códices (Æ e D) demonstram que, às vezes, ocorreram discordâncias mesmo dentro de um único documento. Com isso, para resgatar a leitura original, se faz necessário estudar as mudanças pelas quais um mesmo manuscrito passou ao longo dos anos, evitando assim, que uma eventual edição posterior de um documento seja tratada como igual ao texto autógrafo.

A diferença de datas entre os primeiros manuscritos que não contém e os primeiros manuscritos que contém a oração de Jesus é pequena (aproximadamente um século). Com isso, somente através da datação não se pode chegar a uma conclusão definitiva de qual manuscrito é o mais fiel ao original escrito pelo evangelista Lucas (SNAPP JR., 2019).

No que tange a quantidade dos manuscritos de Lucas 23:34, os manuscritos que contém a oração de Jesus são bem mais numerosos. Contudo, mesmo que a quantidade de manuscritos tenha a sua relevância entre as evidências externas, os manuscritos devem ser principalmente pesados e não contados, ou seja, o mais importante é a sua qualidade (peso) e não sua quantidade (SNAPP JR., 2019).

Um dos princípios para mensurar a qualidade do manuscrito se baseia em quem copiou de quem. A ideia é a seguinte: se um manuscrito é mostrado como um cópia direta de outro manuscrito, ou se dois manuscritos forem copiados de outro manuscrito, então, no primeiro caso, temos uma voz e seu eco, e no segundo caso temos uma voz com dois ecos. Quando temos um manuscrito e seu exemplar (isto é, o manuscrito do qual foi copiado), temos uma testemunha repetida, em vez de duas testemunhas independentes. Com isso, se avalia se determinados manuscritos são novas testemunhas ou apenas cópias de testemunhas já catalogadas (SNAPP JR., 2017)

Este princípio pode ser estendido a grupos de manuscritos que, embora nenhum deles seja cópia de qualquer um dos outros, compartilham as mesmas características meta-textuais: se eles



possuem a mesma forma exata de tabelas de cânones para os Evangelhos, os mesmos livros introduzidos, os mesmos títulos dos capítulos, as mesmas assinaturas, e as mesmas divisões de leituras, geralmente é seguro dizer que todos possuem a mesma fonte (SNAPP JR., 2019).

Em relação a distribuição geográfica, quanto mais espalhados os manuscritos estiverem, maior é a probabilidade de não serem cópias de uma ou poucas fontes problemáticas. Ou seja, se uma variante textual é encontrada em manuscritos de localidades distintas, e outra variante é encontrada em textos de uma única localidade, as chances dessa última variante textual ser correta é menor (SNAPP JR., 2019).

Embora, os manuscritos que contem a oração de Jesus não são todos provenientes de um mesmo lugar, a leitura que omite a oração leva vantagem, pois está em localidades mais dispersas (FITZMYER, 2005).

2 EVIDÊNCIAS INTERNAS

Estudiosos de ambos os lados da discussão apresentaram argumentos baseados na evidência interna. Porém, aqueles que apoiam leitura que omite a oração de Jesus em Lucas 23:34 se baseiam primeiramente em evidências externas, e fazem posteriormente suas alegações com argumentos internos. Já aqueles que argumentam pela leitura que contém a oração de Jesus acham a evidência externa inconclusiva e dão preferência a provas internas para resolver o assunto. (WEBER, 2012)

No estudo das evidências internas, são analisados determinados fatores para se chegar a leitura mais perto do original, dentre eles pode-se destacar dois: A leitura mais curta é mais provável; A leitura mais difícil é preferida. Estes dois fatores serão verificados a seguir no texto da primeira oração de Cristo na cruz.

O texto que contém a leitura mais curta é mais provável de ser igual ou ter maior semelhança ao original. Exceto quando um



copista poderia ter alterado a passagem por convicções pessoais, como de ordem religiosa; ou quando o copista pulou alguma palavra por ter ordem similar de letras de outra palavra (CARVALHO, 2017).

Em Lucas 23:34, como será analisado posteriormente, há razões de ordem religiosa que podem ter influenciado na cópia desta passagem. Em vista disso, não se pode tomar a leitura mais curta como fator principal ou definitivo para se chegar ao original.

No que se refere a leitura mais difícil, a crítica textual defende que aquilo que teria acarretado em maior dificuldade de escrita é mais provável de ser original. A maioria das emendas feitas nos manuscritos são superficiais, combinadas com um desejo de melhorar o texto. É claro, que isso é relativo, pois a leitura mais difícil também pode ter sido um acréscimo por acidente, embora esse evento seja mais raro (CARVALHO, 2017).

No texto em estudo, a leitura mais difícil é a que contém a oração de Jesus. Mas alguns argumentam, como será analisado posteriormente, que ela não mantém o fluxo natural do texto. O que é uma razão para os estudiosos defenderem que ela foi deliberadamente inserida.

Ao verificar as evidências internas de Lucas 23:34, nota-se que não há erro óbvio de escriba aqui, não houve apenas uma falha ao copiar o texto de um manuscrito para outro. O mais plausível para este texto é que a adição ou omissão dessa passagem foi uma escolha consciente (KING, 2013).

Em virtude disto, a seguir serão estudada possíveis razões para a omissão deliberada e posteriormente para a inserção deliberada da oração de Cristo nos manuscritos do evangelho de Lucas.

3 RAZÕES PARA OMISSÃO DELIBERADA DA PASSAGEM



Dentre as evidências externas, as razões principais para a omissão da passagem que contém a oração de Jesus estão envolvidas com a destruição de Jerusalém no ano 70 d. C.

Os relatos dados por Josefo sobre os sofrimentos dos judeus durante o cerco são horríveis, os números que pereceram sob Vespasiano no país, e sob Tito na cidade, no período de 67-70 d.C., por fome, facções internas e pela espada romana, chegou à casa de 1.350.460, além de cem mil vendidos como escravos (História dos Judeus, de Dean Milman, livro 16, volume 2, página 380).

A destruição de Jerusalém foi tão grande que no período de maior fome, um grupo de saqueadores vagueava pelas ruas da cidade em busca de alimento, quando descobriram uma mulher que chegou a assar o corpo do próprio filho para comer (PEARLMAN, 2006).

Em virtude da queda de Jerusalém, alguns estudiosos levantaram hipóteses e explicações para a omissão da oração de Cristo no evangelho de Lucas. Dentre as quais, algumas serão verificadas a seguir.

Uma das explicações para a omissão desta oração é que copistas antigos podem ter sido tentados a retirar as palavras devido ao entendimento de que Jesus não tenha perdoado a nação culpada. Os eventos de 70 d.C. Podem ter dado a impressão de que Jesus não havia perdoado os judeus. (MORRIS, 2008).

Russell Norman Champlin segue nesta mesma linha de pensamento, porém, alega que parte dos copistas omitiu esta oração pois não podia permitir que a oração de Jesus parecesse ter ficado sem resposta, devido a queda de Jerusalém (CHAMPLIN, 2014).

O autor Bruce Metzger entende que é fraco o argumento de que os copistas deliberadamente teriam omitido a oração de Jesus devido a aparente falta de resposta ao pedido efetuado por ele na cruz. Embora, reconheça que esta passagem bíblica já estava entre os cristãos em um período razoavelmente cedo da história cristã:



A ausência dessas palavras de [...] testemunhas precoces e diversas [...] é muito impressionante e dificilmente pode ser explicada como uma excisão deliberada por copistas que, considerando a queda de Jerusalém como prova de que Deus não havia perdoado os judeus, não podiam permitir que parecesse que a oração de Jesus permaneceu sem resposta. Ao mesmo tempo, o *logion*⁴, embora provavelmente não faça parte do Evangelho original de Lucas, tem sinais evidentes de sua origem dominical, e foi mantido, dentro de colchetes duplos, em seu lugar tradicional onde foi incorporado por desconhecidos copistas relativamente cedo na transmissão do Terceiro Evangelho (METZGER, 2016, p. 154).

Com isso, verifica-se que mesmo que se considere argumento da destruição de Jerusalém como fraco, desde cedo, em seus cultos, os cristãos já utilizavam cópias do evangelho de Lucas que continham a primeira oração de Jesus na cruz. Tendo isso em vista, a seguir, serão verificadas as possíveis razões para os copista deliberadamente terem inserido a oração de Jesus em Lucas 23:34.

4 RAZÕES PARA INSERÇÃO DELIBERADA DA PASSAGEM

Em relação a inserção desta passagem, dentro do escopo de evidencia externa, se tem a tradição oral. Estas palavras circularam na igreja primitiva como uma um *ágrafo*, ou tradição não escrita sobre o ditos de Jesus, e alguém, em algum lugar, decidiu colocá-los neste local no texto (SNAPP JR., 2019).

Este argumento é facilmente refutado através dos escritos da patrística, como será verificado no capítulo 3.5, Clemente citou essa oração de Jesus, colocando ela no mesmo peso de inspiração escriturístico que outras citações bíblicas. Com isso, não era

⁴ Um dito de Jesus que é considerado autêntico, embora não seja registrado nos manuscritos originais dos Evangelhos (WORDNET, 2019).



apenas tradição não escrita, o verso já fazia parte dos evangelhos que a igreja possuía.

O principal argumento contra a originalidade da oração baseado em evidências internas é a sugestão de alguns estudiosos (como Joseph A. Fitzmyer) de que a oração interrompe o fluxo narrativo da cena de crucificação. Fitzmyer (1985, p. 493) argumenta que as palavras de Cristo são uma inserção posterior, pois: “De fato, interrompem o fluxo da narração e tem certa semelhança com a oração de Estevão em Atos 7:60b” (WEBER, 2012).

Este argumento é baseado na observação que o assunto, ou agentes ativos, dos versos que cercam a oração de Jesus são soldados Romanos. Imediatamente antes da oração, o texto informa que os romanos "ali o crucificaram, bem como aos malfeitores, um à sua direita, outro à sua esquerda". Imediatamente após a oração, o texto nos informa que os romanos repartiram as as roupas de Jesus lançaram sortes. Portanto, a mudança de assunto dos romanos para Jesus (falando a oração) e de volta para os romanos é inesperada e abrupta (WEBER, 2012).

Nathan Eubank⁵, contra-argumenta que mesmo se a oração representa uma atividade editorial, isso se explica pelo fato de Lucas utilizar o evangelho de Marcos como fonte. Eubank menciona que os defensores do texto mais longo concordam que o ditado é em algum sentido secundário, mas Lucas pode estar inserindo um novo ditado em sua versão da narrativa que ele possuía de Marcos, e o terceiro evangelho não está imune à redação desajeitada (EUBANK, 2010).

Ao seguir esta linha de raciocínio, a inserção da oração de Jesus não foi efetuada por copistas utilizando o material de Lucas, mas sim por Lucas utilizando o material de Marcos. Consequentemente, a oração de Jesus fez parte da versão final do

⁵ EUBANK, Nathan. “A Disconcerting Prayer: On the Originality of Luke 23:34a,” JBL 129, no. 3, 2010, p. 524.



evangelho de Lucas e o corte abrupto da narrativa não prova que a oração é uma inserção posterior.

A segunda argumentação baseada nas evidências internas é a respeito da semelhança da oração de Jesus com a de Estevão. O argumento diz que um copista não queria que Jesus parecesse menos indulgente do que Estevão, que orou a Jesus como ele estava sendo apedrejado até a morte: "Senhor, não leve este pecado para a conta deles" (em Atos 7: 59-60) (SNAPP JR., 2019).

No entanto, como Bolin aponta, o escriba que fez isso teria extraordinariamente talentoso para compor um ditado que: (a) não contém vocabulário anômalo; (b) se encaixa na atividade redacional da narrativa da crucificação; (c) usa habilmente um motivo encontrado em Atos sem cópia literal; e (d) por acidente ou projeto se torna o centro do desenvolvendo da teologia do perdão e o significado da morte de Jesus em Lucas/Atos (BOLIN, 1992).

Além disso, para que a oração de Cristo seja uma adição, também seria necessário a participação de simpatizantes do judaísmo dispostos a fazer grandes esforços para exonerar os judeus da morte de Jesus (BOLIN, 1992).

Um terceiro argumento é que depois que alguém na igreja primitiva notou que Jesus fez seis pronunciamentos da cruz, ele decidiu que seria uma melhoria se Jesus tivesse feito sete declarações da cruz, pois sete significaria a perfeição. Então ele criou uma oração ou pegou da tradição oral e a colocou no texto (SNAPP JR., 2019).

Para muitos comentaristas, as evidências internas são tão inconclusivas quanto as externas. Tanto a omissão quanto a adição das palavras de Cristo são igualmente plausíveis. Com isso, no próximo capítulo será analisado os escritos da patrística (KING, 2013).

5 ANÁLISE NA PATRÍSTICA

Para um melhor entendimento das palavras de Cristo, é essencial conhecer o modo como os autores antigos interpretaram



e usaram esta passagem. A oração registrada em Lucas 23:34 foi referenciada por cristãos dos primeiros séculos. Essas alusões as palavras de Cristo são um forte indício da autenticidade delas (WEBER, 2012).

Dentre os 5 primeiros séculos da igreja cristã a oração de Cristo se encontra registrada pelos seguintes pais da igreja (a data indicada refere-se a morte do autor): Cânones Eusebianos (século IV); Tiago-Justo de acordo com os manuscritos de Hegesipo (cerca de 180), Irineu de Alexandria (século II), Hipólito (235), Orígenes (253/254), Eusébio (século IV), Inácio de Antioquia, Constituições Apostólicas (cerca de 380), Gregório de Nissa (394), Anfíloquio (depois de 394), Dídimo (398), Pseudo-Clementinas (século IV), Pseudo-Justino (século IV/V), Crisóstomo, Cirilo; Hesíquio (depois de 450); Ambrosiaster (depois de 384); Hilário (367); Ambrósio (397), Jerônimo (419/420) e Agostinho (430) (INSTITUTO PARA A PESQUISA TEXTUAL DO NOVO TESTAMENTO, 2014).

Entre alusões no período patrístico a oração de Jesus registrada em Lucas 23:34 pode-se destacar Irineu, que no livro 3 de *Contra as Heresias*, atesta que a oração de Jesus era conhecida no segundo século. Embora ele não associe especificamente o ditado com nenhum dos evangelhos, esta referência ocorre no meio de um argumento para a divindade de Jesus, em que Irineu cita Paulo e os evangelhos. Ele expõe a referência a oração da mesma forma que as outras citações, dando-lhes a mesma quantidade de peso (WEBER, 2012).

Ao analisar os escritos da patrísticas além de encontrar citações das palavras de Cristo na cruz, também encontra-se algumas interpretações e aplicações que os pais da igreja deram para elas.

Em determinada passagem de *Contra heresias*, Livro 3, Irineu enfatiza o sofrimento que Jesus suportou, exemplificando seu ensinamento para "amar seus inimigos e orar por aqueles que o odeiam". Irineu repetidamente observa as previsões de Jesus a respeito de perseguição e maus tratos que acontecerá aos seus



seguidores, encorajando seus leitores a terem a mesma paciência, perseverança e perdão que Jesus exibiu na cruz (WEBER, 2012).

Citando Levítico 4:13, Orígenes afirma que assim como é possível para uma congregação pecar em comunidade, também é possível que essa comunidade peque por causa da ignorância. Para a confirmação final deste ponto, Orígenes se volta para a oração de Jesus, que fornece a autoridade final sobre o assunto (WEBER, 2012).

Clemente ao escrever a respeito daqueles que sofrem pelo motivo de Cristo trazer a separação entre pais e filhos, enfatiza que a ignorância é a causa do pecado dos incrédulos. Logo em seguida ele cita Cristo como o exemplo de perdão:

[...] Mas aqueles que sofrem estas coisas, compadecendo-se daqueles que estão enredados pela ignorância, pelo ensino da sabedoria, oram por aqueles que fazem o mal contra eles, tendo aprendido que a ignorância é a causa do seu pecado. Pois o Próprio Professor, sendo pregado na cruz, orou ao Pai para que o pecado daqueles que o matassem fosse perdoado, dizendo: “Pai, perdoai-lhes os pecados, porque não sabem o que fazem” (COXE; DONALDSON; ROBERTS, 2007, p. 289).

É importante destacar que na citação acima, as palavras de Jesus na cruz são colocadas por Clemente com o mesmo peso que o texto de Mateus 10:34, em que Jesus afirma que não veio trazer paz, mas sim a espada. Não há qualquer menção a tradição oral ou outra fonte de inspiração para a oração de Cristo.

Em vista de que muitos pais da igreja dos cinco primeiros séculos conheciam oração de Jesus registrada em Lucas 23:34, evidenciando isso em seus escritos, é provável que alguns escribas tenham retirada intencionalmente a oração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Com este estudo, pode-se verificar que esta oração não está presente nos mais antigos manuscritos já encontrados. Como é demonstrado pelos aparatos críticos atuais ao colocar o texto entre colchetes duplos, o que significa que os autores destes não consideraram a oração de Jesus como um texto pertencente ao manuscrito original.

Apesar das considerações efetuadas pelos aparatos críticos e mesmo considerando a hipótese de que a oração de Cristo não tenha sido escrita pelo evangelista Lucas e seja uma adição feita pela igreja primitiva. Através da análise interna e externa ao texto, assim como, dos registros dos pais da igreja, é possível afirmar que ela é uma oração autêntica e pode ser interpretada e aplicada na vida cristã através do que foi registrado no evangelho de Lucas e que se preservou até os dias atuais.

Entre os possíveis motivos para que os copistas retirassem deliberadamente a oração de Cristo registrada em Lucas 23 está que a destruição de Jerusalém em 70 d. C. pode ter dado aos copistas antigos a ideia de que Jesus não havia perdoado os judeus. Já entre os possíveis motivos para que os copistas inserissem a oração de Cristo pode-se citar que ela era uma tradição oral que foi incorporada ao texto com o passar dos anos.

A igreja desde cedo referenciou este versículo, como por exemplo, através de Tiago-Justo de acordo com os manuscritos de Hegesipo e Hipólito (ambos do século II). Dentro os escritos da igreja nos primeiros séculos também houveram interpretações teológicas do versículo, demonstrando o seu peso como Palavra de Deus. Como por exemplo, Irineu em seu livro *Contras as Heresias* Volume 3 e Orígenes ao ensinar a respeito do pecado por ignorância ele cita a oração de Cristo na cruz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLIN, Thomas M. **A Reassessment of the Textual Problem of Luke 23:34a**. Proceedings SBL Midwest Region 12, p.139, 1992.



CARVALHO, Adriano da Silva. **A crítica e o texto do Novo Testamento**. Editora Reflexão: São Paulo, 2017.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento**: interpretado versículo por versículo: Volume 2: Lucas, João. São Paulo: Hagnos, 2014.

COXE, Arthur Cleveland; DONALDSON, James; ROBERTS, Alexander. **The Ante-Nicene Fathers**: Volume VIII – Fathers of the Third and Fourth Century. New York: Cosimo Classics, 2007.

EUBANK, Nathan. **A Disconcerting Prayer**: On the Originality of Luke 23:34a, JBL 129, no. 3, 2010, p. 524.

FITZMYER, Joseph A. **El Evangelio Según Lucas IV, Traducción y Comentario, Capítulos 18,15-24,53**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2005.

INSTITUTO PARA A PESQUISA TEXTUAL DO NOVO TESTAMENTO. **Novum Testamentum Graece** – Nestle Aland - 28a Edição Revisada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

INSTITUTO PARA A PESQUISA TEXTUAL DO NOVO TESTAMENTO. **O Novo Testamento Grego** - 5a Edição Revisada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

KING, David Dean Mimier. **The Power of Forgiveness**: The Theological Implication of Textual Variants in Luke 23:34a.. Iliff School of Theology, 2013.

PEARLMAN, Myer. **Através da Bíblia livro por livro**. Editora Vida: São Paulo, 2006.

SNAPP JR., James. **Luke 23:34a - Answering the Apologists (Part 1)**.. Disponível em: <<http://www.thetextofthegospels.com/2017/04/luke-2334a-answering-apologists-part-1.html>> Acessado em 13/04/2019 às 02:13.

WEBER, Ryan W.. **Unforgiven**: The textual problem and interpretation of Luke 23:34a and anti-judaism in the early church. Wake Forest University Graduate School of arts and sciences, Winston-Salem, North Carolina, 2012

WORDNET. **WordNet Search** - 3.1. Disponível em: <<http://wordnetweb.princeton.edu/perl/webwn?s=logion>> Acessado em 24/08/2019 às 17:48.

